

NOSSOS MESTRES

Defensora do Brasil invisível

Professora emérita da UnB, Gloria Moura levou à academia a história e a realidade das comunidades quilombolas. Conhecer a própria origem foi o que motivou a escolha do tema de toda a carreira

» MARIANA NIEDERAUER

A memória de um povo depende de registros que nem sempre estamos prontos para traduzir em conhecimento, nem abertos a compreender em suas complexidades. Foi a partir de vivências pessoais e de uma inquietação que Maria Gloria Moura, 90 anos, construiu a trajetória acadêmica. Aposentada do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB) e reconhecida com o título de professora emérita no último mês, ela mostrou para a academia a história e a realidade dos quilombos no Brasil.

Hoje, ela define a própria trajetória como uma luta constante para abrir portas. E, em muitos desses momentos, ela não só conseguiu como foi pioneira. Marcou a educação brasileira com o pioneirismo em defesa da educação antirracista e pela implantação da política de cotas na UnB, onde ajudou a fundar o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab). O trabalho da vida — e sua própria vida — ela resumiu no livro *Festa dos Quilombos*, publicado pela Editora UnB e fruto do seu trabalho de doutorado na Universidade de São Paulo (USP).

Gloria se lembra, até hoje, que a sala onde defendeu a tese ficou lotada de colegas que queriam conhecer aquele tema até então ignorado pela quase totalidade da universidade. Foi o momento de mostrar a invisibilidade da história da cultura afro-brasileira, e em especial dos quilombos, nos currículos das escolas brasileiras. “É uma vida completamente diferente. Quando vamos ao interior do Brasil, vemos que há um país que o povo não conhece”, atesta.

Gloria se declara uma mulher mestiça, filha de uma descendente de italianos e de um descendente de negro e indígenas. Tem a pele mais clara entre os irmãos, mas isso não a livrou do racismo e da exclusão em

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



diferentes espaços, inclusive na escola. Quando se apaixonou por um homem negro, o preconceito também mostrou sua face mais cruel. Mas entender o motivo de tanta violência num país onde todos os habitantes têm ao menos “uma gota de sangue africano (escravo), indígena (nativo) e branco europeu (o colonizador)”, como ela descreve no livro resultado de sua tese, foi o que a moveu a concluir o seu trabalho.

No Dia do Professor, celebrado na última semana, ela ganhou o maior presente que poderia pedir. A neta mais nova, Serena, chegou pertinho e disse que não queria mais ir para a escola. “Agora eu quero estudar na sua escola vovó.” A escola a que a menina de 7 anos se refere é a UnB que, num auditório cheio, reconheceu a trajetória acadêmica da pioneira com o título de professora emérita.

E essa história teve início há mais de 40 anos. Gloria começou a dar aulas na educação básica, num município próximo à cidade de Niterói (RJ), onde nasceu e foi criada. O grande amor da vida aconteceu já na juventude. “Nos apaixonamos no primeiro olhar”, recorda-se, sorrindo, do encontro com o companheiro da vida toda, o advogado Carlos Alves Moura, 86 anos, um dos fundadores e primeiro

presidente da Fundação Palmares. São mais de 60 anos casados.

A vinda para Brasília, em 1976, com as filhas Cristina, Debora e Luciana foi justamente para acompanhar o marido. Aqui nasceu a caçula, Carla. À época, Gloria lecionava na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde se formou em pedagogia. Assim que conseguiu a transferência para a UnB, partiu rumo ao Planalto Central com as crianças.

Na UnB, Gloria concluiu o mestrado, quando Carla era recém-nascida. “É um desafio, você sair da sua cidade, distante da sua família. Mas eu fiz isso com muito amor. Aliás, como tudo na vida. E cada hora era uma porta se abrindo”, resume. Um dos ensinamentos que ela fortificou ao longo da carreira é sobre a importância da educação não apenas como espaço formal de aquisição de conhecimento. “Às vezes, as pessoas veem a educação como uma coisa separada, mas a vida toda é educação.”

Política de cotas

A participação de Gloria foi decisiva na implantação da política de cotas da UnB, como reforçam colegas como a relatora da política de cotas da universidade, Dione Moura, e a própria reitora, Rozana Naves (**veja depoimentos**). “Foi uma glória, porque realmente não tinha negro na UnB. E as pessoas não queriam mesmo, diziam que não precisava, que estava tudo igual”, relembra a professora.

Nelson Inocêncio, professor do Instituto de Artes da universidade que acompanhou todo o processo de implementação das cotas raciais, recorda-se até hoje do momento em que conheceu Gloria e Carlos, numa reunião na casa deles. “A professora Gloria sempre teve um olhar muito atento com a educação. Eu também venho de uma família em que a